

A Crise Pandêmica Sob A Ótica De Edgar Morin The Pandemic Crisis From The Perspective Of Edgar Morin

Geneci Libarino Figueredo

Doutoranda Em Ensino Na Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia – Uesb.

Luelta Dos Santos Cardoso Neves

Mestra Em Ensino Pela Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia– Uesb.

Renato Pereira De Figueiredo

Pesquisador Permanente No Programa De Pós-Graduação Em Ensino (Ppgen) Da Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia – Uesb.

Verena Santos Andrade Ferreira

Doutoranda Em Ensino Na Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia - Uesb.

Resumo

É hora de mudarmos de via: as lições do Coronavírus, publicado em 2020, no período pandêmico recente, é mais um livro de Edgar Morin. Traz valiosas reflexões acerca do nosso estar no mundo. A obra nos convida a pensar sobre os impactos da ocupação humana sob o viés ocidental. Através da ótica do pensamento complexo moriniano são tecidas importantes considerações envolvendo fatos históricos do século XX e XXI, lições que podem ser extraídas da pandemia e dos desafios sociais, políticos e econômicos, intensificados pela crise sanitária. Na obra estão evidenciadas diferentes problemáticas da humanidade bem como possibilidades e esperanças para um futuro melhor. Defende que a humanidade precisa ser regenerada por meio do humanismo. A obra, estruturada em seis partes, preâmbulo, introdução, três capítulos e mais a conclusão, nos permite pensar o passado, narrado por meio da ótica cuidadosa do autor, o presente e o futuro incerto.

Palavras-chave: Crise. Coronavírus. Lições. Desafios. Via.

Date of Submission: 05-10-2024

Date of Acceptance: 15-10-2024

I. Introdução

É num contexto de crises, incertezas e medos intensificados pela pandemia da Covid-19, provocada pelo Coronavírus Sars-CoV-2¹, vírus identificado inicialmente na China em dezembro de 2019 e rapidamente espalhado para outras regiões do planeta, que o pensador francês Edgar Morin, mais uma vez, nos proporcionou valiosas reflexões acerca da nossa condição humana e da humanidade, ancorada no paradigma da modernidade. Em 2020, Edgar Morin, com seus 99 anos de idades e sendo considerado por muitos estudiosos como “um dos expoentes mais expressivos do pensamento mundial contemporâneo” (ALMEIDA, 2004, p. 1), lançou o livro *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*, que apresento nesta resenha.

A obra, estruturada em seis partes: preâmbulo, introdução, três capítulos e conclusão, contou com a colaboração de Sabah Abouessalam, socióloga e atual esposa do autor, e com tradução para o português de Ivone Castilho Benedetti. Foi lançada no Brasil na sua 1ª edição pela Bertrand Brasil, em 2020. Com apenas 97 páginas, é capaz de oferecer uma leitura rápida e agradável principalmente porque tem o potencial de favorecer a curiosidade do leitor, especialmente porque trata de diferentes aspectos relacionados às problemáticas associadas ao destino terrestre da coletividade humana bem como ao futuro incerto da nossa humanidade, fragilizada diante do cenário pandêmico na qual o livro foi escrito.

Sob o olhar cuidadoso, preocupado, objetivo e ao mesmo tempo subjetivo de Edgar Morin, nos deparamos com fatos históricos do século XX e XXI, como as duas guerras mundiais, as pandemias bem como

¹ Revista Super Interessante. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/virus-vidae-obra-do-mais-intrigante-dos-seres>. Acesso em: 18 mai. 2023

os cenários de progressos, disputas, avanços e retrocessos que trouxeram a sociedade ocidental até o presente, contexto caracterizado por diferentes tipos de crise. Do início ao fim da obra é possível perceber que o autor explicita a concepção de homem e de mundo que tem defendido ao longo de sua carreira intelectual, centrada num pensamento que faz contraponto à visão simplificador e reducionista do ser humano e do conhecimento.

Edgar Morin, nascido em Paris, na França, no ano de 1921, é considerado um dos maiores pensadores das ciências em todos os tempos e apesar de sua idade avançada ainda se encontra em plena atividade intelectual. Formado em História, Direito e Geografia é também autor de dezenas de livros e conhecido mundialmente por seus trabalhos epistemológicos. O estudioso já veio ao Brasil cinco vezes, entre os anos de 1998 a 2012. Possui um importante vínculo com o país por meio de sua paixão por Natal, capital do Rio Grande do Norte, lugar onde ficou todas as vezes que veio ao nosso país, onde participou de atividades do Grupo de estudos da Complexidade (Gecom/UFRN), coordenado pela antropóloga Maria da Conceição Xavier da Silva, também amiga pessoal de Edgar Morin².

A presente obra de Edgar Morin, a primeira lançada após o seu centenário de vida, contempla de modo tanto objetivo quanto subjetivo o percurso histórico da sociedade ocidental desde o ano de 2021, marco cronológico na qual inicial a aventura terrestre do autor. Ao situar o leitor sobre alguns fatos históricos e a sua vida pessoal na obra, consegue estimular a nossa curiosidade para cada acontecimento ou ideia que vão sendo apresentados no decorrer da leitura. Sob o seu olhar perspicaz e a experiência de um centenário atento às problemáticas de seu tempo, seja na condição de participante ou de observador crítico, pontua aspectos fundamentais do contexto social e político europeu do século XX e XXI, especialmente as duas guerras mundiais e as pandemias, bem como seus desdobramentos para toda a humanidade.

Ao longo de toda a obra está presente a crítica realizada sobre o paradigma ocidental da modernidade, que apresenta entre suas centralidades a dissociação entre homem e animal, natureza e cultura, a compartimentação dos saberes, o pensamento disjuntivo e redutor bem como a persistência em separar o inseparável. A tese do pensamento complexo, central do autor ao longo de sua trajetória acadêmica, está explicitada, com o seu sentido original do termo “*complexus*” que significa “o que é tecido junto” (p. 21). É sob a ótica do pensamento complexo que Edgar Morin lança sua análise sobre a humanidade e suas problemáticas atuais.

No auge da pandemia, em 2020, quando o medo da morte e a incerteza da vida pairava sobre o ser humano contemporâneo, o intelectual francês aproveitou o momento de isolamento e nos proporcionou mais uma oportunidade para pensar sobre o nosso estar no mundo, durante e após a pandemia, apontando possibilidades para pensarmos o passado, o presente e o futuro incerto da humanidade.

O livro pode ser concebido também como um convite para que possamos refletir sobre o modo como vivemos e as transformações que precisam ocorrer em nossa sociedade, inclusive por meio do nosso despertar para a solidariedade e para o nosso meio ambiente, bem como para a conscientização de que os “destinos terrestres entre a natureza viva e a aventura humana deve tornar-se um acontecimento importante de nosso tempo [...]” (p. 84). Também chama nossa atenção para o fato de que a “crise planetária nascida do coronavírus dá relevo à comunhão de destinos de todos os seres humanos, inseparavelmente vinculado ao destino biológico do planeta Terra” (p. 42).

No preâmbulo da obra o autor apresenta a sua trajetória de vida e faz uma retomada histórica de fatos marcantes do século XX com alguns de seus desdobramentos, como o da gripe espanhola, crise mundial de 1929, as duas guerras mundiais, a crise intelectual dos anos 60, a crise ecológica... Os acontecimentos abordados por Edgar Morin são apresentados dentro de seus contextos de emergências, o que evidencia mais uma característica desse pensador, que faz questão de situar sua existência enquanto observador crítico e também participante do contexto social de seu tempo.

Na breve introdução, o autor foca nos diferentes aspectos da pandemia e nas crises decorrentes do cenário vivido e pontua que a “primeira revelação fulminante da crise inédita é que tudo que parecia separado é inseparável” (p. 21). Ao mesmo tempo, alerta: “O pós-coronavírus é tão preocupante quanto a própria crise” (p. 22). Reforça assim a necessidade da humanização da sociedade e proteção do planeta e justamente por isso, pontua que “está na hora de mudar de Via” (p. 22).

Os três capítulos desenvolvidos no livro são organizados de modo que articulam as questões centrais da obra por meio da apresentação de lições que podemos extrair da pandemia, dos desafios do pós-corona e da necessidade de “Mudar de via”. Cada capítulo está estruturado em tópicos, que favorecem a compreensão de cada lição, desafio e possibilidade que estão emergindo para toda a humanidade a partir da Complexidade defendida por Edgar Morin. As problemáticas apresentadas na obra perpassam pelas diferentes esferas humanas da atualidade, como a existencial, política, econômica, ecológica. Diante de muitas preocupações abordadas, também se insere a questão digital, que vem despertando polêmicas inclusive neste momento pós-covid.

² Informações disponíveis no site da UFRN, no endereço: <https://ufrn.br/imprensa/reportagens-e-saberes/48993/edgar-morin-100-anos>. Acesso em: 18 mai. 2023

A obra traz uma alerta importante para o fato de que “os dispositivos digitais são ao mesmo tempo instrumentos de liberdade e instrumentos de servidão” e observa que a “internet permite a livre expressão que vai da criatividade ao delírio nas redes sociais” (p. 48). Apesar da abordagem preocupada acerca do futuro da humanidade, o autor vai tecendo em nós a ideia da esperança, que segundo ele, “está na luta pelo despertar das mentes e pela busca de outra Via, que a experiência da megacrise mundial terá estimulado” (p. 53).

Outro elemento central do pensamento complexo que está bastante presente na obra é a incerteza, ideia essa que se fez presente com grande intensidade ao longo de todo o cenário pandêmico e no pós-pandemia. Sinaliza que “precisamos de um mundo de conhecimento e pensamento capaz de responder aos desafios das complexidades e aos desafios das incertezas” (p. 35) e aponta propostas que podem “abrir caminhos de transformação” (p. 56) mas observa ser importante ter “esperança sem euforia” (p. 56). Cabe ressaltar que a proposta de uma nova via, sugerida na obra, segundo o próprio autor, já fora anunciada em outro livro seu *A via: para o futuro da humanidade*.

Ao situar suas preocupações com a condução política, econômica e social durante a crise pandêmica, destaca que “as oligarquias econômicas orientam as decisões de um poder guiado pelo credo neoliberal” (p. 62) e vai apontando caminhos para uma nova configuração de sociedade que pode ser capaz de diminuir os problemas sociais, econômicos e culturais da nossa atual “sociedade de consumo”. Edgar Morin também evidencia alguns efeitos prejudiciais advindos do desenvolvimento industrial que cria tanto o bem-estar para seus clientes quanto o mal estar para seus trabalhadores, além de promover a “degradação ecológica dos ambientes de vida” e da “degradação sociológica da qualidade de vida” (p. 73).

Chama atenção do leitor para o fato de que a “elevação do nível de vida é deteriorada pelo rebaixamento da qualidade de vida” do mesmo modo que a “poluição urbana, a baixa qualidade da alimentação e industrialização e a alienação consumista provocam a degradação de nossa civilização” (p. 74). O livro também apresenta uma ideia polêmica, que é a proposição da liberação das drogas. A defesa em torno do livre acesso às drogas ilícitas, segundo Edgar Morin, se constitui num meio para eliminar o gigantesco poder financeiro das máfias de drogas. Porém, é importante destacar que a obra não dá conta de explorar as diferentes polêmicas acerca da liberação ou proibição que envolvem a venda dessas drogas.

Para o leitor mais cético sobre as alternativas apresentadas para a construção de uma sociedade mais justa e melhor para todos, o autor contribuiu ao esclarecer que: “Vivemos um paradoxo: quanto mais indispensável, mais difícil é a transformação. Isso significa que ela exige perseverança e coragem” (p. 84) e evidencia que “reforma da sociedade e reforma pessoal são inseparáveis” (p. 85). Ao propor a necessidade de melhorarmos, principalmente a nossa “faculdade de ser responsável e solidário” (p. 85), o autor reconhece que muitos “vivem numa separação entre ideias altruístas e comportamentos egoístas” (p. 85). Assim, explicita a relevância do conhecer segundo o conhecimento complexo, que torna possível o estabelecimento do humanismo regenerado.

Para Edgar Morin, também é preciso ser regenerada a “grande e permanente aspiração da humanidade a um mundo melhor” e nos lembra: “O que não se regenera degenera” (p. 89). A vida terrestre também é concebida como uma aventura incerta, ideia já explicitada em outras obras de Edgar Morin, a exemplo de *A cabeça bem feita: Repensar a reforma, Reformar o pensamento*, que reafirma a importância de um ensino mobilizador de esforços visando o despertar da condição humana por meio da religação dos saberes da cultura científica e da cultura das humanidades em prol da construção da construção de uma consciência humanística.

Na obra aqui resenhada, Edgar Morin é convincente ao afirmar que uma transformação não é apenas necessária como também uma condição para a nossa sobrevivência. Desse modo, o humanismo regenerado proposto precisa encontrar as vias para transformação, denominada pelo autor também de metamorfose. Alerta que as reformas econômicas e sociais, pessoais e éticas são imprescindíveis e explicita que a esperança, mesmo não sendo uma certeza “nos traz a consciência dos perigos e das ameaças” e “nos faz tomar partido e fazer apostas” (p. 94).

No último tópico da obra, na conclusão, Edgar Morin retoma a ideia de que vivemos “uma aventura inacreditável, com suas possibilidades científicas ao mesmo tempo maravilhosas e aterrorizantes” (p. 96), na qual cada um de nós trazemos a ignorância, o desconhecido, o mistério, a loucura, a razão da aventura. Reafirma que há muitas evidências apontando para uma nova direção, sendo assim, hora de mudarmos de via. Apesar da originalidade e ineditismo da obra, as ideias centrais do livro apresentam sintonia e visões que foram discutidas e defendidas pelo autor em outros de seus escritos, cabe ressaltar que o próprio autor também menciona alguns de seus livros, como *Autocritique, O método, A via: para o futuro da humanidade* e *Cabeça bem feita: Repensar a reforma, Reformar o pensamento*.

É indiscutível a relevância e a enorme contribuição que o pensamento complexo de Edgar Morin direcionado para o contexto social vivido na pandemia proporciona para o entendimento e compreensão da sociedade contemporânea, contudo, precisamos reconhecer que as propostas apresentadas na obra trazem consigo enormes desafios para toda a humanidade. Apesar do livro não ter sido direcionada para um âmbito específico, as ideias, preocupações e propostas nele defendidas podem trazer novos pensamentos para a condução de novos rumos para toda sociedade. Nesse sentido, a leitura desta obra se torna de grande relevância

para pensarmos questões que precisam de discussões amplas, como por exemplo a questão digital que tem impactado os diferentes âmbitos da atuação humana, pessoal, profissional e intelectual, e nos possibilita refletir sobre os rumos que nossa sociedade pode tomar.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que as ideias morinianas explicitadas na obra têm um caráter amplo e necessita ser discutido em diferentes frentes educativa vinculadas ao campo de Ensino, principalmente se considerarmos que as reformas que precisam ser realizadas visando ser possível uma nova via para a humanidade não prescinde a instancia educativa. Nesse sentido, cabe considerar que; “A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino” (MORIN, 2003, p. 17). Assim, a obra pode se constituir numa leitura fundamental para todos aqueles que pensam o contexto social atual com lentes que visam enxergar esperança em dias melhores para toda a humanidade, pois, como evidenciado na obra: “A utopia do melhor dos mundos deve dar lugar à esperança de um mundo melhor” (p. 89).

Referências

- [1] MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem Feita: Repensar A Reformar, Reformar O Pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 8ª Edição. Bertrand Brasil, 2003.